

O ARARIPE.

ANNO V.

SABBADO 22 DE DESEMBRO DE 1860

NUMERO 247.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideas livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei e interesses locais. A redação so é responsavel pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados. O preço da assignatura é por um anno 4\$000 pagos adiantados; e por 6 meses somente 3\$000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez as mais será pagas a 60 rs. cada uma e 80 rs. os outros.

CRATO:—TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP.—CASA DO PISA—N°.

O ARARIPE.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Desde julho proximo passado o nosso jornal completou o seu quinto anno de existencia; mas attendendo a que no correr deste anno, derão-se algumas interrupções na publicação, para compensar os nossos assignantes, resolvemos prolongar o anno da assignatura até o fim do corrente mez. Deve por tanto o sexto anno de assignatura contar-se do 1.º de janeiro ao ultimo de dezembro de 1861. Prevenimos porem, que estamos desposto a suspender a remessa dos jornaes a todos os assignantes actuaes, residentes dentro da cidade ou fóra della, que até o fim de janeiro não tiverem entrado com as quantias que estiverem a dever das assignaturas preteritas, e da que vai começar.

Apesar da falta de pontual pagamento de assignaturas, que temos soffrido, não temos querido que o nosso jornal suspenda as suas publicações; mas vemos que continuar com todo o peso das despesas do seu costeo nos é absolutamente impossivel, e por isto lembramos aos nossos assignantes e amigos, que é do seu mais rigoroso dever contribuir, ao menos por esse modo, para que não fiquemos reduzido a retirar da scena um jornal, que aliás é absolutamente indispensavel manter, e só tem sido sustentado com sacrificios nossos no interesse dos amigos.

/O Impressor/

COMMUNICADO.

Depois que erigimos em principio medico-legal, a questão de saber se houve ou não envenenamento, provocando assim uma discussão séria e judiciosa, fizemos logo o proposito de não escrevermos mais uma palavra á este respeito; não só por que viamos que não se agradecia ao medico o ter collocado a questão no verdadeiro pé que lhe compete como porque da parte da Gasetta não se procurava discutil-a com calma e reflexão, mas sim com sentimento do despeito e com a mentira. Que nomes pois merece o comportamento de homens, que não se peijão de avançar aquillo que nunca se passou?

Senhores da Gasetta, lido os nossos artigos, medita um pouco sobre os vossos, e disse-me depois quem tem mentido ou procedido de má fé! O meu

auto de perguntas, esse vosso cavallo de batalha, o protesto do Sr. Dr. Marrocos, e o da familia do capitão J. Romão, que vão ser dados ao dominio do publico, vos provarão bastante quem merece as honras de tão bellos epithetos! Nós vos atirámos a luva como cavalheiro e homem da sciencia, e vós a apanhastes como um villão ruim que sois! Bem podiamos não ter-vo-la atirado, porque era dar-vos muita confiança, sendo vós mais que profanos em medicina, supinamente grosseiros para uma discussão entre gente; mas eramos cavalheiro, e desejavamos trabalhar ardentemente para o triumpho de uma verdade. . . .

Senhores sabios da Gasetta, somos nós o primeiro a reconhecer a nossa nullidade em medicina, mas mesmo assim talvez alguém que hoje escreve contra nós, ja se tenha utilizado della. Tambem reconhecemos a nossa insufficiencia como escriptor (de que nunca fizemos alarde), porem Deos nos livre de escrevermos como escreve a escola da Gasetta. Com effeito, possui ella uma grammatica, que ensina a fallar e escrever correctamente o africano. E' pena que a commissão scientifica não esteja ainda por aqui, para faser uma colleção de vossas Gasettas, verdadeiro monumento de sabedoria e faser com ella um presente ao instituto historico e geographico brasileiro, ou pol-a á exposição no muséo do Rio de Janeiro.

Concluindo, protestamos que em quanto a Gasetta continuar em seu systema de ensultar e ferir a consciencia alheia, em lugar de collocar a questão no terreno em que discutem os homens, não só não descereamos da nossa dignidade em responder-lhe, como ficaremos pensando que os seus redactores ou são camplices no crime, ou não trabalham para o triumpho da verdade.

Crato 18 de dezembro 1860. Dr. A. C. de Macedo.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

AUTO DE PERGUNTAS FEITO AO DR. ANTONIO CORREIA DE MACEDO.

Aos 18 dias do mez de novembro de 1860. etc. etc.

«Perguntado se elle respondente fora o medico assistente do capitão José Romão de Norões, durante a sua molestia, e por quantos dias, e se quando começou a tratar o dito Norões ja soffria ha dias. Respondeo que foi o medico assistente do mesmo Norões, por 4 dias, e que o inferno ja soffria ha dias. Perguntado qual a exposição que o dito doente, ou seus parentes lhe fiserão da molestia e suas causas. Respondeo que lhe contarão que na madrugada do

sabado para o domingo 11 deste mez levantando-se da rede, em que dormia, com os pés descalços para procurar em um armario vasinha gengibre para administrar á uma criança que se achava incommodada, e que de ter posto os pés no chão sentira calafrios pelo corpo, todo o que pareceo aggravar mais os incommodos leves que ja soffria. Perguntado que symptomas apresentava o doente quando elle respondeu o observou, e qual o seu diagnostico. Respondeo que havia alguma acceleração no pulso, pelle quente, cephalalgia, lingua esbranquiçada, humida e larga, pela escuta notou que nada havia em nenhum dos pulmões de pathologico encontrando apenas no trajecto da trachea-arteria dos bronchios uma respiração anhelante e ruidosa, com ligeira tosse secca, e que por tanto diagnosticara uma bronchite. Perguntado que remedios applicou e que variações apresentou a molestia a proporção que erão applicados os remedios. Respondeo que no principio administrára o tartaro em dose vomitiva, cozimentos emollientes, pastilhas de ipecacuanha, sudorificos e revolutivos externos; que passando um dia em que não vira o doente fóra chamado e que encontrara recrudescencia dos symptomas precedentes, notando então que a inflamação bronchica se tinha propagado á base do pulmão direito, ouvindo ali a respiração difficil com ausencia do extertor crepitante, havendo dor permanente nesta região que a principio era sentida apenas quando o doente tossia, diagnosticara uma pneumonia simples na base do mesmo pulmão sangrou largamente administrou poção contra estimulante de laennec, um purgante de maná em lagrimas, ventosas escarificadas á base do pulmão. No seguinte não apresentando melhora e pelo contrario havendo recrudescencia destes symptomas, sangrou de novo, applicou ventosas, um caustico no lugar da dor, e um purgante de óleo de ricino, isto sobre tudo porque o maná do dia antecedente não tinha produsido effeito, e o doente depois de deixar de tomar a poção de laennec não obrou mais, e havia constipação de ventre, com meteorismo. Neste dia o doente alem da dor que augmentava de mais a mais, sentia grande dispinea afflicção e ansiedade. Nunca pude descobrir o extertor estimulante. As extremidades apresentavão um frio quase glacial assim como a face. Pora amanhecer o dia em que o doente morreu, notava maior dispenea, ansiedade, convulsões, soluços interrompidos, suores copiosissimos (que apresentava desde o começo da molestia, molhando camizas com pequenos intervallos), e applicara outro purgante auxiliados de meios estimulantes externos. O doente conservou até morrer suas faculdades intellectuaes em perfeito estado; poucas horas antes de morrer apresentava decomposição da face, augmento do frio das extremidades, da face que era plumbea etc. Neste estado de angustias morreu as 11 horas e 3 quartos. Perguntado se durante o tempo, em que tratara do doente, este, algum seu parente, amigo, ou outra qualquer pessoa lhe fallara em suspeitas de veneno, digo de envenenamento. Perguntado quando e porque ouviu fallar nestas suspeitas. Respondeo que ouviu fallar nestas suspeitas depois da morte, e que as causas que davão para isto erão ter-se dito que o mesmo paciente como juiz de paz não haveria de presidir a eleição seguinte, o que sahira incommodado da casa de jury, depois de ter bebido um copo d'agua que lhe fornecera um official de justiça de nome Pedro Carneiro de Moura, dirigindo-se á casa de suas irmãs a quem pedira

uma tamarinada, por isso que sentia um arder no estomago, e de ter sido o mesmo official de justiça encontrado com um pequeno frasco d'igo vidro.»

PROTESTO CONTRA O ARTIGO DA GASETA DO CARIRI N° 11 SOBRE A MORTE DO CAPITÃO JOZÉ ROMAÕ DE NORÕES.

Antes de receber os jornaes que se publicão na cidade do Crato o—Araripe—e a—Gasetta do Cariri—tinha sido consultado por um parente, acerca do soffrimento do capitão José Romaõ de Norões, e minha resposta dada em dias de novembro (24) indicava que um agente de propriedade acre e corrosiva, parecia ter comprometido a existencia do finado, cujos symptomas morbidos foraõ um pouco abafados pelas limonadas de tamarindo, ao desenvolver-se o calor acre no estomago, queenturaõ na phrase do morto. Minha resposta de então tinha sido confidencial e reservada; era o meo modo de pensar sincero, franco, e desprevenido, quando ainda não havia tomado corpo as suspeitas e indícios de um envenenamento. Hoje porem, que estou lendo os jornaes daquella cidade, sou forçado a publicar o meo parecer, á dar um brado de indignação e fazer um solemne protesto contra o que diz a Gasetta do Cariri em n° 11.

Por mais indifferente que me queira mostrar para arrastar intrigas e odiosidades, eu faltaria a um dever de humanidade, de justiça, e direi mesmo de lealdade e cavalleirismo, sinaõ contrariasse as asserções da Gasetta no que me diz respeito. Diz ella: «Ha alguns annos que José Romaõ foi tratado pelo sr. dr. Marrocos de uma pneumonia; e tendo sido salvo dessa ves, não ficou todavia completamente restabelecido. O mesmo dr. Marrocos fez-lhe ver que se elle não vivesse muito regularmente, acabaria sua vida do mesmo mal: e isto é geralmente sabido nesta cidade.»

Em resposta á Gasetta ou a todo aquelle que se apresentar, seja parente, amigo ou inimigo, eu declaro solemnemente calumniosa essa asserção: digo que em todo tempo que estive no Crato uma unica ves tratei do capitão José Romaõ, e foi de uma colica nervosa. Quem esteve gravemente prostrado de uma pneumonia foi Raimundo Pedroso Baptista. José Romaõ era um homem robusto, corado, bem desenvolvido, d'um peito largo, espadaúdo; sómente o abuso do café tornava-o um pouco nervoso, flatulento, como vulgarmente chamamos. A pneumonia, molestia dos fanados, não acharia pouso naquelles pulmões herculeos; no clima e na alimentação pode achar-se predisposição para a gastro-hepato-enterites. Com isto não queiraõ os adversarios do sr. dr. Macedo tirar uma illação do seu diagnostico—pneumonia. Não: minha humilde opinião, não presenciando os soffrimentos que fiserão succumbir uma pessoa tão distincta, é que todo e qualquer medico ao leito do doente, ignorando os commemorativos, desprevenido da ideia de envenenamento, se veria confundido com tantos symptomas aterradores e então procurando nos—orgãos a lesão capaz de fazer succumbir rapidamente o enfermo, a lesão que explicasse a sua morte em tão poucos dias—a teria de localisar nos—pulmões—ou no—cerebro. O dr. Macedo em sua boa fé e sem prevençãõ não podia ver na circulaçãõ aquelle agente nocivo, que depois de sua acção local damnificava o organismo, produsindo estertores, suores, delirios, e convulsões.

Tirem, na febre typhoida, a dor da foca eliacã

que não haverá medico que saiba diagnosticar a moléstia. Pois bem: o que se dá nas febres niasmáticas dá-se com os agentes toxicos em seus symptomas; é um cortejo de soffrimentos cada qual mais pronouncedo, e assustador, que desaponta o medico. Foi isto o que se deu com o dr. Macedo.

Em medicina legal é muito custoso chegar-se sempre a prova material, isto é, a apreheção do veneno; muitas vezes a justiça procede pela moral, e esta pode ella encontrar nos—comemiorativos—nos—symptomas—e nas—investigações policiaes.

Desprezar estes recursos para deixar de castigar o crime onde quer que existir, é ser connivente com aquelle que especula; é desesperar os homens de bem, que esperão do poder todo o auxilio e justiça, para a punição dos reos de policia, dos ladrões, e dos sanguinarios.

As accusações são sérias, os indícios bem vehementes, o papel que na actualidade representava o capitão José Romão, bem importante, tudo isto exige que o poder e a policia procedão com tino e imparcialidade. Não ha cousa que mais condusa o cidadão, o mais pacífico, e ordeiro ao desespero, do que ver o poder desprezar as lagrimas do afflicto, do que ver a impunidade escudar os perversos e tornal-os mais ousados para o crime: o envenenamento do capitão José Romão é uma consequencia da impunidade da morte do infelis Landim!

Agora duas palavras sobre o enredo da Gasetta: o autor do artigo da Gasetta sabe perfeitamente que teve um desgosto do meo primo José Romão, sabe de que proveio este desgosto, e o quanto me foi profundo, quis aproveitar-se disto para envolver-me na calumnia a mais asáda para a defêsa, persuadindo-se de que minha indesposição com meo infelis primo, e juntamente a minha ausencia vingaria sua abrevosa. Enganou-se completamente co'migo, nunca deixarei a mentira e a calumnia se acobertarem por meo respeito, assim como os amigos em mim não achemão echo naquillo que for immoral e indecoroso. Por tanto fique a Gasetta prevenida para não envolver-me sinão no que for exacto, do contrario bradarei dando estiver. Tauiná 8 de dezembro de 1860.

Dr. Manoel Marrocos Telles.

A GASETA E O SENHOR DOUTOR MACEDO.

Em balde tem o sr. dr. Macedo tentado estabelecer uma discussão calma, franca e conveniente, com os redactores da Gasetta, a cerca do envenenamento do infelis capitão J. R. de Norões.

Cheio de consciencia do que dis, sempre coherente com suas opiniões, tem o nosso amigo feito publicar tres artigos nesta folha, em que, respondendo á algumas invectivas da Gasetta, tem definido o seu papel em relação á essa questão, que actualmente preoccupa o espirito publico. Seus artigos tem sido laconicos, porem precisos, satisfatorios, e concebidos em terminos comedidos e delicados, compatíveis com a sua apurada educaçãõ; e sobre tudo, cavalleiro, que é, inspirado por uma ideia generosa, tem sellado com a sua firma as suas publicações, para destarte merecer dos redactores da Gasetta, sinão ser correspondido na linguagem que lhes falla, ao menos que estabelegão a discussão debaixo de um ponto de vista, serio, e conveniente, encamando a questão sómente no interesse da sciencia, do publico e da justiça.

Mas era muito esperar de quem só sabe mentir e descompor. Os redactores da Gasetta não comprehendendo a missãõ do jornalista, olvidando as leis da civilidade, e finalmente baldos de recursos intellectuaes, para acompanharem uma discussão de semelhante natureza, em seus devidos termos, atiraõ-se como furias sobre nosso amigo, e no n.º 13 do seu jornal o cobrem de insultos e calumnias, as mais revoltantes.

Um desprezo formal deveria ser a nossa unica resposta á taq abjecta publicaçãõ, mas a amisade e sobre tudo o dever de gratidão, exige de nós o sacrificio de entrarmos em uma apreciaçãõ seria de tal artigo.

Sem acompanharmos a Gasetta em sua longa serie de amplificações pueris, que nada exprimem, occupar-nos-hemos sómente em refutar algumas proposições, extrahida a substancia do artigo a que respondemos.

« O sr. dr. Macedo não recebeu educaçãõ, é—ignorante em sciencia medica,—destituído de sentimentos de honra e dignidade, não hesitou em depôr de falso em uma justificaçãõ, etc. etc. etc. » Estas as accusações que fas a Gasetta ao nosso amigo.

Mas perguntaremos, srs. da Gasetta, se o dr. Macedo que residio longos annos na cõrte durante sua vida escolastica, em contacto com as pessoas mais illustradas do pais; que estudou com notavel aproveitamento a sciencia em que é profissional; que prestou relevantes serviços á humanidade em uma das crises mais difficéis, porque tem passado o pais, que foi honrado pelo poder moderador, com uma condecoraçãõ, em compensaçãõ de seus valiosos serviços: si o dr. Macedo, disemos, merece a qualificaçãõ de—grosseiro e ignorante,—que nome daremos a um bandido, que abandonando a familia á fome e á miseria, tem fixado sua residencia nesta cidade, fazendo sua habitual profissãõ de euredos e mentiras? Que nome daremos a um cavalleiro d'industria que munido de velhos alfarabios, repudiados pela sciencia, se lança ao mundo, especulando com a boa fé dos incautos, e matando impunemente?

Que nome daremos a aquelle, que encontrandõ um homem generoso, que o acolhe em sua casa, e lhe estende a mão bemfazeja, prodigalizando-lhe mil favores, acaba por levar a vergonha, a infamia e o desespero, ao seio da familia de seu benfeitor? Chamal-o-hemos, sabio e homem de bem? O publico que o qualifique.

Como qualificaremos áquelle, q', sendo funcionario publico, e devendo em raseõ de seu cargo, promover com toda a energia a punição de um crime horroroso, é o primeiro a innocentar o individuo accusado, pela vós publica, de autor desse crime; e constituído orgãõ de um partido, e redactor ostensivo de um jornal, fas publicar artigos capciosos, sómente com o fim de obscurecer a verdade, e obstar o triumpho da justiça?

Que nome daremos áquelle, que, á salvo de uma justa represalia, occultando sua individualidade sob o véo do anonymo, irroga as mais torpes infamias, e calumnias aos seus collegas, que, aliás genesosos, lhe tem atirado a lava de cavalleiro?

Chamal-o-hemos honrado, leal, e bem educado?

Responda o publico a quem melhormente accenta a qualificaçãõ de « grosseiro e ignorante. »

Continuaes, srs. da Gasetta, em vossas phrasas saturadas de odio e de despeito, a manifestar o desabater que vos causa a perplexidade do dr. Macedo, isto é, e não ter elle emitido um juizo definitivo sobre o

questão de envenenamento: e insistir igualmente em reflectir com um praser, que revela vossas proprias expressões: «o medico diagnosticou uma pneumonia.»

Inconsequentes que sois! Que vale o juizo e diagnostico do medico em taes casos? Não presentes a fraqueza e má fé dos vossos argumentos?

Admittidos os vossos falsos principios, teriamos a dissolução da ordem social. Mas, levemos á vossa consciencia a verdade dessa proposição.

Figuremos mesmo o caso de que nos occupamos.

J. Romão morreo, segundo o juizo medico, de uma pneumonia, horas depois a vóz publica deo como causa de sua morte uma propinacão.

O medico chamado á policia sustenta seo diagnostico. Intimado para proceder a autopsia no cadaver, não lhe foi possível fazel-a, por tal e taes motivos.

Não obstante porem tudo isso, cresce de ponto o boato de envenenamento, defundido pela vóz publica, Indícios vehementes, circumstancias logicamente ligadas, vão levando bem fundadas suspeitas á consciencia publica. Ora, cisei-nos, em taes casos, que valor pode ter o diagnostico do medico ante a justiça?

Supponhamos que elle faça côra com a vós publica, emitindo um juizo afirmativo, é isso só bastante para que a justiça se julgue esclarecida e satisfeita? Supponhamos que elle ao contrario sustenta seo diagnostico, e negue o envenenamento, é isso bastante para que a justiça emmudeça e cruse os braços? Tem o juizo do medico tal cunho de verdade, que abafe as suspeitas lançadas na consciencia publica? E de mais, de que vos serviria, srs. da Gasetta, o juizo do sr. Macedo, se o reputaes ignorante em sciencia medica?

Esse vosso systema de argumentar, e a maneira porque haveis discutido essa questão, faz crer que sois cumplice no envenenamento.

Rompida a teia de aranha, em que tendes firmado vossos argumentos, abandonamo-vos o campo da discussão e renunciemos em vosso favor os louros da victoria.

Não seremos nós que vos acompanhemos quando vossa consciencia myrrada, comprida pelo remorso, vos fes lançar no papel, tantas immundiceis, indignas da missão de escriptor.

Desconhecemos a terminologia das regateiras, e temos em grande apreço a moralidade publica para parodiarmos a vossa lingoagem; por isso, tudo mais que discutis, em relação ao sr. dr. Macedo, ficará sem resposta: pois contrariamos por negação Crato 20 de dezembro de 1860. O amigo grato.

AO PUBLICO

Lendo na Gasetta n. 12 de 8 corrente mes um artigo que em sou injustamente accusado. Pelo amor da verdade refiro todo o passado, a que allude esse jornal.

Em 27 de 8brº p. p. quando o meo discipulo Alexandre L. M. passava a tradusir, e depois de concludo o trabalho lectivo, o meo discipulo Luis Ferrer filho do sr. Ignacio Ferrer, perguntou-me se a maioria dos liberaes desta cidade era grande, respondi-lhe que na eleição de 7brº tinham ganho por mais de 500 votos dice-me elle que eu estava enganado, que a maioria não era tão grande assim; então lhe dice q' veio votação da Assaré e Missão-velha para o partido saquarema, e por isso na acta, incluidas aquellas, não apparecem os 500 votos da maioria dos liberaes. Perguntou-me mais, se em dezembro os liberaes ganharia a eleição, respondi-lhe que a qualificação e os liberaes são o mesmos; então dice-me elle q' não háo

de ganhar, porque haverá muito barulho e fogo! E nesta occasião achava-se o meo discipulo Ayres, a quem dice que tomasse nota do dito do Ferrer, ao que acode elle disendo:—Não, eu digo isto aereamente, digo-o de minha cabeça, nada sei e nada me dice alguém. Eis pois o que realmente se passou.

Dis o Sr. Gaseteiro, que eu dou aos meos escolares o thema de—o Crato em 10brº hade de arder em fogo, por que os chimangos etc. etc. Como é, vil calumniador, q' tens a coragem de escrever para o publico mentindo descaradamente? Como é que não tens pejo disso? Em quanto ao mais respondo com Genuense: Nemó dat, quod non habet, nec plusquam habet, que se pode tradusir—cada um dá o que tem. Esta é a primeira e ultima ves que respondo ao meo accusador e vil detractor.

O Professor P. de latim, Pº João Marrocos Telles.

DESMENTIDO.

Nós abaixo assignados, estudantes de latim desta cidade, obrigados pelo dever, e levados do estímulo da verdade, declaramos que é por demais inexacto, que o nosso digno professor, o reverendo sr. João Marrocos Telles, haja alguma vez dado para composição o thema, de que falla um correspondente, que assignou «O vigilante» na Gasetta do Cariri sob n. 12; e fazendo esta declaração, que é toda dictada por nossas consciencias, toda espontonea, convidamos a quem quer que ousou forgicar essa calumnia, que ouse sustental-a ante nós, porque estamos perfeitamente habilitados para confundir a sua impustura, convencel-o. de calumniador pequenino e gratuito.

Cidade do Crato, 18 de dezembro de 1860

(Seguem-se diversas assignaturas dos estudantes)

NOTICIARIO.

—No 19 do corrente chegou á esta cidade o Sr. major João Baptista de Mello, official de reconhecido merecimento e serviços nesta provincia; o qual, no caracter de delegado de policia, vem cuidar da manutenção da ordem e liberdade do voto na futura eleição. Felicitamos o nosso respeitavel comprovinciano pela sua feliz viagem, e vendo pelos seus precedentes, asseguramos ao publico que sempre o encontrará no caminho da honra.

Com o Sr. major Baptista vierão o Sr. cap. Carmo e alferes Tertuliano, os quaes muito se fiserão recomendar no Pereiro e na Telha pelo seo comportamento. Dizeramos q' devem occupar pontos diferentes na comarca.

No dia 20 entregou o commando da força e a delegacia de policia o Sr. Gomes Ferreira, o qual ignoramos se continuará a servir debaixo das ordens do Sr. Baptista ou regressará á Capital. O Sr. Gomes está profundamente compenetrado de que o progresso da civilização na provincia não permite mais que um official com alguns soldados embargue a voz, leve o terror ao canto mais insignificante deila. Nós lhe disemos o nosso adeos.

—Casamentos.—Celebraraõ-se dentro da Matris desta cidade, 24 no mes de outubro e 50 em novembro.

—Baptisados.—Forão baptisados na Matris, no mes de outubro 36 femeas e 40 machos, e no mes de 9brº 34 machos e 27 femeas.

—Obituario.—Sepultaraõ-se no cimiterio desta cidade durante o mes de outubro, 26 machos e 20 femeas e no mes de novembro, 10 machos e 33 femeas.

—Matadouro publico.—Forão mortas para o assougue desta cidade no mes de novembro 201 reses.